

MÉXICO 1998: O FENÓMENO JOSÉ SARAMAGO E A SUA RELAÇÃO COM *LA JORNADA*

Alma Delia Miranda (UNAM)

RESUMEN

Este artículo esboza la importancia del periódico *La Jornada* en la construcción de la imagen de autor de José Saramago en México, explica el impacto de la cobertura periodística del viaje de marzo de 1998, así como el papel de Alfaguara México en el éxito afectivo de ese engranaje.

Palabras clave: José Saramago; La Jornada; México; recepción; imagen de autor.

RESUMO

Este artigo esboça a importância do jornal *La Jornada* na construção da imagem de autor de José Saramago no México, explica o impacto da cobertura jornalística da viagem de março de 1998 na recepção da personagem, bem como o papel da editora Alfaguara México no sucesso afetivo dessa engrenagem.

Palavras-chave: José Saramago; La Jornada; México; recepção; imagem de autor.

Recebido em 22 de junho de 2022.

Aceite em 1 de outubro de 2022.

2001: Lançamento de *A Caverna*

Quando foi a última vez que quem lê estas linhas presenciou o lançamento de um livro junto com milhares de pessoas? Quando foi a última vez que esteve presente num lançamento onde o autor e os apresentadores estavam sentados num palco, sob a intensidade da luz dos holofotes, roubando o espaço que normalmente é território natural de cantores, músicos e políticos em campanha? Mas foi dessa forma espetacular que José Saramago lançou, em março de 2001, no Zócalo, o coração da Cidade do México, e do país, *A Caverna*. Do outro lado do palco, fotógrafos, jornalistas e um vasto público ouviam com atenção, quase com veneração, as palavras do autor português, do Nobel do ano 98, que não sentiam nem estranho nem estrangeiro.

Dir-se-ia que isto que acabei de descrever era consequência normal do reconhecimento internacional que José Saramago ganhou depois de ter vencido o Prémio Nobel de Literatura em 1998, mas, no que toca à relação do autor português com o México, podemos falar em fenómeno de massas, poucas vezes visto no âmbito da literatura, e tal fenómeno tinha começado antes do reconhecimento pela Fundação Nobel, mais concretamente, em março de 1998. Estudar em profundidade as origens, desenvolvimento e consequências na construção da imagem do autor, é uma tarefa para um trabalho maior, mas nestas páginas vou tentar esboçar algumas das circunstâncias que contribuíram para a formação da imagem de autor e do fenómeno José Saramago no México: a mais significativa é a manifestação explícita da indignação que causou no autor o massacre de Acteal, cometido em dezembro de 1997. Essa atitude foi um dos pontos determinantes para que o público mexicano desenvolvesse um vínculo afetivo com o autor, porque, antes do terrível acontecimento, Saramago não tinha manifestado opinião nenhuma relacionada com a realidade mexicana. O público mexicano conheceu essas ideias através do jornal *La Jornada*, publicação fundamental na criação da imagem do autor no México. Outra circunstância que potencializou essa reação do público mexicano foi a saudação da elite intelectual da esquerda nacional, factos para os quais terá contribuído uma organização pormenorizada da sua casa editora no México, ressaltando assim, o papel essencial dos profissionais da indústria editorial na criação da imagem de autor.

Saramago no México antes de 1998

No México, antes do ano 1998, José Saramago é um nome conhecido entre um público restrito. Remontam-se à década de 80 as primeiras resenhas da obra saramaguiana, publicadas na prestigiada revista *Vuelta*, pelo poeta, tradutor e então professor da UNAM Horácio Costa. O início da sua primeira resenha, dedicada à apresentação do romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, esclarece o ponto de situação da receção da obra de José Saramago e do próprio autor nesse momento no México:

“En los últimos años, la obra de José Saramago se ha vuelto cada vez más fascinante para los lectores de lengua portuguesa de ambos lados del Atlántico. Prácticamente desconocido fuera de Portugal antes de que recibiera el premio “Ciudad de Lisboa” en 1980, por su novela, *Levantado del suelo*, Saramago sorprende por su versátil maestría en el arte de la prosa en cada libro que publica” (Costa 1986a: 53).

Sem estudos formais de literatura em língua portuguesa no México, Costa, que na altura ensinava na licenciatura de Letras Hispânicas, aproveita o espaço do seu texto para explicar de maneira geral o contexto de Fernando Pessoa, Ricardo Reis e José Saramago. Nesse mesmo ano, só uns meses após a publicação desse primeiro texto, Costa volta às páginas da mesma revista para apresentar desta vez a tradução espanhola de *Memorial do Convento*. De novo, Costa explica as referências que podem resultar alheias ao leitor mexicano e espalha elogios decisivos para o autor português: “José Saramago demuestra tener el conocimiento y la imaginación necesarios”, “José Saramago lo logra con gran maestría”, “una pulsación lírica de una belleza innegable”, ou “Saramago ha conquistado un lugar definitivo en el panorama de las literaturas escritas en portugués” (Costa 1986b: 57-59). Pioneiro dos estudos saramaguianos e na difusão da obra do autor no México, Costa publica na revista que dirige o poeta Octavio Paz, que obterá o Nobel de Literatura em 1990. Os leitores de *Vuelta*, publicação mensal, impressa num bom papel e que recebe publicidade de grandes empresas e organismos do Estado, são um público muito distinto, à maneira do diretor da publicação: universitários cosmopolitas, ou com aspirações a sê-lo. É por isto que o conhecimento de Saramago fica num espaço elitista durante vários anos.

Algum tempo depois, no ano de 1989, Saramago veio ao México convidado pelos escritores, e então funcionários, Guillermo Samperio e Hernán

Lara Zavala, que organizaram o IV Encontro Internacional de Narrativa em Morelia, capital do estado de Michoacán, entre os dias 23 e 25 de novembro. Samperio testemunha que Saramago, que veio para falar da crônica, “casi pasó desapercibido, no sólo por la desinformación entre escritores, aunque repartimos entre los medios su currículo. Su participación fue correcta, discreta” (2010). Esta viagem tem sido praticamente esquecida e só tem sido referida em momentos pontuais.¹

Mas a projeção do autor e da sua obra começa a mudar em meados dessa década, como resultado de uma série de circunstâncias que confluíram para fazer de Saramago praticamente um fenómeno de massas. A mais incontestável e evidente é a fama que Saramago atinge fora do universo de língua portuguesa, no entanto, isso explica de maneira muito parcial a reação do público mexicano. Neste sentido, a sua crescente importância em Espanha trouxe como consequência que os seus livros chegassem ao público mexicano, no início, devido à distribuição de uma chancela tão prestigiosa quanto a Seix Barral, garantia de literatura da mais alta qualidade. Mas também exerceram influência outros aspetos como a construção da imagem pública do autor, definida pelas suas declarações éticas, políticas e ideológicas, de cuja notícia a tribuna principal no país foi o emblemático jornal *La Jornada*.

Bosquejar as características deste jornal pode ser necessário para a compreensão de um leitor não mexicano. O jornal em questão tinha nascido em 1984, definia-se como de centro-esquerda, e estabeleceu logo no início um vínculo especial com artistas e intelectuais como o escritor Gabriel García Márquez, e os pintores Rufino Tamayo e Vicente Rojo, entre outros (González Alvarado 2017: 10). Foi escolhido, junto com o jornal *El Financiero* e o semanário *Proceso*, como uma das três publicações com as quais o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), nascido em 1994 no estado de Chiapas, fazia públicas as suas comunicações. Dir-se-ia que *La Jornada*, na altura, era ponto de referência indispensável de um setor identificado com causas sociais e de ideologia de esquerda, contrária à política neoliberal fortemente impulsionada pelo presidente Carlos Salinas de Gortari entre 1988 e 1994. A partir do aparecimento do EZLN na vida pública nacional, as páginas deste jornal foram espaço de numerosas reflexões e polémicas.

¹ O texto de Samperio aparece a propósito da morte de Saramago e diz que o português esteve em Michoacán em 1991, mas é um erro da memória; as pesquisas realizadas na hemeroteca dessa cidade confirmam a data de 1989. Os jornais locais não publicaram fotografias de Saramago, mas o seu nome aparece na programação. Eduardo Langagne, que também refere esta viagem, participa numa homenagem a Saramago na UNAM (2011).

Se voltarmos ao antecedente mais diretamente relacionado com o terrível feito de Acteal em 1997, teremos de referir o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) no 1º de janeiro de 1994, e se fizermos uma revisão do jornal *La Jornada* nesse mesmo período, iremos verificar que não há registo de nenhuma opinião ou declaração de Saramago nesse sentido. De facto, ao longo desse mesmo ano, não há notícias ou traduções de Saramago no jornal ou no suplemento cultural *La Jornada Semanal*. Mas no ano seguinte, a situação muda com a chegada do escritor Juan Villoro à direção do suplemento a partir do número que se publica no dia 12 de março de 1995 (ELEM 2018), porque sob a sua direção chegará a viver uma época de esplendor. É nessas páginas renovadas, no número 27, do domingo 10 de setembro de 1995, que há uma pequena fotografia de Saramago na capa do suplemento; no interior, o poeta e tradutor mexicano Francisco Cervantes apresenta “Poema para Luis [sic] de Camões”. Na nota que acompanha o texto, e que podemos atribuir a Cervantes, nota-se a necessidade de apresentar ao leitor mexicano o autor português:

“José Saramago es un poeta lo mismo cuando escribe poemas que cuando hace novelas. Nació en Portugal, en Azinhaga, distrito de Santarem [sic], provincia del Ribatejo, en 1922. Reconocido como uno de los escasos novelistas grandes de nuestros tiempos, ha tenido épocas de fecundidad lírica, como lo prueba este poema” (Saramago 1995: 11).

Um texto mais robusto nas páginas do suplemento *La Jornada Semanal* vai chegar em fevereiro de 1997, com uma recensão de *Ensaio Sobre a Cegueira*. Tomás Granados Salinas, o autor, refere nesses parágrafos vários outros romances de Saramago, mostrando o alargamento dos leitores do português graças à circulação das traduções. Isto marca uma diferença em relação aos textos fundacionais de Costa na *Vuelta* do ano de 1986, que escrevia como lusofalante e especialista que convida os leitores mexicanos a aproximar-se da obra de um autor cada vez mais apreciado apenas no contexto da sua língua materna. Por sua vez, Granados Salinas, citando Costa (1997: 11), é já um rendido leitor hispânico do português: “[...] en compañía de sus lectores, que somos legión” (11).

Num dos trechos do seu texto, Granados Salinas fornece um dado que não pode passar despercebido para os fins deste trabalho: “Tal es la historia contenida en las más de 370 páginas del volumen editado por Alfaguara, empresa que con éste incrementa a tres los títulos de Saramago en su catálogo [...] y se enfila a desbancar a Seix Barral de su monopolio saramaguiano” (1997:

10 grifo nosso). O comentário não só vaticina o papel fundamental da Alfaguara na distribuição da obra de Saramago, mas também no que diz respeito à promoção do autor por meio de uma infraestrutura organizacional que facilitava a presença física do autor nos grandes encontros literários, mas também a presença da sua imagem nos diferentes meios de comunicação social quando ainda não existiam as redes sociais de hoje e a Internet não atingia os níveis de massificação atuais. Neste ano de 1997, Portugal tinha sido escolhido país tema da 49ª Feira do Livro de Frankfurt e o nome de Saramago aparecia entre os possíveis galardoados com o Nobel de Literatura. Gerava-se no ambiente internacional um clima de exaltação em redor do possível primeiro Nobel para um autor de língua portuguesa. Entretanto, no México, ao entusiasmo surgido do âmago das obras do autor, e à autoridade alcançada pela consideração que atinge a sua obra, acrescenta-se a figura do autor como um vivo defensor de causas sociais quando *La Jornada* inclui, no mês de maio, o poderoso prólogo do livro *Terra* de Sebastião Salgado, “publicado por editorial Alfaguara, en diversas partes del mundo” (Saramago 1997: 23), uma nota que confirma a importância da nova casa editora do autor. No texto, Saramago denuncia as brutais intervenções do poder (polícia militar, assassinos a soldo, fazendeiros) nos conflitos agrários do Brasil. Saramago relembra concretamente dois massacres: um, no município paraense de Eldorado do Carajás, onde dezanove trabalhadores rurais foram cruamente assassinados no dia 17 de abril de 1996; o outro, o massacre que deixou 12 pessoas assassinadas por polícias militares na Fazenda Santa Eliana, localizada no município de Corumbiara, no estado de Rondônia.

Neste momento, Saramago tem atingido a autoridade intelectual que lhe outorga a sua candidatura ao maior prémio literário internacional; mas, nos planos social, político e ideológico, está a assumir o poder que essa autoridade lhe confere. A sua voz tem-se tornado poderosa e usa o seu poder para falar em nome dos que não conseguem fazer-se ouvir. No contexto mexicano, já sensibilizado pela problemática do EZLN, um movimento de desfavorecidos que reivindicava justiça e direitos para os povos indígenas, um texto como esse prólogo, garante bom crédito para Saramago, em termos pessoais. Isto é, além da sua literatura, as suas ideias expressam uma série de valores que desenham o perfil ético do autor de carne e osso, e o público que condiz com essa ideologia sente uma identificação com o autor e sente-se representado por ele.

Chegados a este ponto, é conveniente fazermos uma pausa para referir algumas ideias teóricas de utilidade. Juan Manuel Zapata explica que as re-

presentações que fazemos de um autor “han sido construidas o mediatizadas tanto por las instancias de producción como por las instancias de difusión y circulación del campo” (2011:53), neste caso, o jornal. E continua: “Todas ellas, ya sean los productores mismos o los encargados de difundir o emitir un discurso sobre la literatura, intervienen en las construcciones de las imágenes que nos hacemos del autor (*Ibid*). Neste sentido, a presença cada vez maior de Saramago no jornal mexicano, e a forma como se manifesta essa presença, constrói uma imagem de autor muito concreta perante o público. Nela, o elemento político e ético é fundamental e único, porque Saramago não é somente um esteta consumado, mas também um intelectual comprometido, e esse ângulo vai ser ressaltado no jornal mediante manchetes contínuas, citações, entrevistas, fotografias, e até caricaturas. *La Jornada* não inventa nem fabrica José Saramago, mas ajuda na construção da representação do autor no âmbito mexicano.

Inspirado em Bourdieu e Jacques Dubois, Zapata distingue as quatro fases daquilo que denomina “projeto autoral”, e que é uma posição comportamental e estética obrigatória para os autores na luta pela consagração que desejam (47). Em cada uma dessas fases, intervêm agentes diversos que executam funções determinadas: 1) na fase da *emergência*, o autor e os seus pares, que exercem de primeiros leitores e críticos; 2) na fase do *reconhecimento*, os editores inserem o autor na sociedade e entre os outros autores. Através dos media (críticas, resenhas, entrevistas, polémicas faladas ou escritas), “el público interviene, mediante la imagen que se hace de éste, en la construcción misma del autor” (55); 3) na fase de *sagração*, os agentes que intervêm são a crítica jornalística ou académica, as academias e os prémios literários; 4) por fim, na última fase, de *canonização*, as políticas institucionais assimilam a obra do autor (56). Em 1997, Saramago já tinha experimentado as três primeiras fases no contexto dos países de língua portuguesa, e contava com cinco doutoramentos Honoris Causa de universidades europeias, Blimunda tinha chegado a La Scala; no México, porém, Saramago era uma estrela distante. No entanto, converter-se-ia num sol.

Embora Saramago não tenha recebido o Nobel do ano ‘97, *La Jornada* publica lamentações do escritor mexicano Carlos Fuentes, que expressa que teria preferido que houvesse um vencedor de língua portuguesa (A Dario Fo 1997: 25). A intervenção de Fuentes é uma peça chave porque no ano seguinte será um dos anfitriões do português. Mas os laços entre Saramago e *La Jornada* estão numa fase de fortalecimento, porque o jornal inclui no mês de novembro uma breve nota anónima acompanhada de uma fotografia a

propósito do 75.º aniversário do autor. Trata-se apenas de quatro parágrafos: no primeiro, há dados biográficos; no segundo, destaca-se a militância de Saramago no Partido Comunista; no terceiro parágrafo, informa-se do trabalho do autor no *Diário de Notícias* e há uma lista dos seus romances; no último, aparecem umas palavras de Saramago sobre não ter recebido o Prémio Nobel (75 AÑOS 1997: 31). O intuito da nota é mesmo anunciar o aniversário do autor, só que chama a atenção que não se trate de um número singular, como os 80, mas evidencia que há no jornal um espaço especial por salientar a figura de Saramago. Então, umas semanas depois, aconteceu o massacre de indígenas no estado de Chiapas.

No dia 22 de dezembro desse mesmo ano, 1997, às 10:30 da manhã, na ermida de Chenalhó, 45 indígenas entre homens mulheres e crianças foram massacrados enquanto rezavam pela paz. Os responsáveis foram paramilitares, muitos dos quais eram jovens, também indígenas, pobres e desempregados. A maior parte das vítimas pertencia ao grupo conhecido como Las Abejas, que existia desde dezembro de 1992 e que estava formado, segundo as pesquisas de Luis Hernández Navarro, por 22 comunidades (2012: 103). O grupo estava vinculado à Diocese de San Cristóbal e ao Centro de Direitos Humanos Frei Bartolomé de las Casas. Bastião do EZLN e município autónomo, Chenalhó era um espaço onde conviviam sob grandes tensões, por um lado, grupos corruptos e abusivos relacionados com o governo estadual; por outro, organizações autónomas e de insurgência magisterial. Os integrantes do grupo Las Abejas mantinham um compromisso com “la lucha democrática y anticaciquil, rechazaban la vía armada y estaban firmemente comprometidos en la búsqueda de salidas pacíficas al conflicto” (Hernández Navarro 2012: 101). Os zapatistas atribuíram a responsabilidade pelas mortes ao então presidente Ernesto Zedillo, e declararam autores intelectuais do acontecimento o governador Julio César Ruiz Ferro, o Ministro do Interior, Emilio Chuayffet, e o próprio presidente Zedillo. A agitação ultrapassou as fronteiras.

Março de 1998: a viagem-chave ao México

Os acontecimentos em Chiapas eram muito parecidos com os que tinham ocorrido no Brasil e que Saramago tinha referido no prólogo do livro de Salgado. Em fevereiro de 1998, em Madrid, onde se encontrava para apresentar o seu romance *Todos os Nomes*, Saramago aproveitou a conferência de imprensa para voltar a expressar em voz alta a sua indignação, mas desta

Mas quais eram os motivos da viagem de Saramago ao México? As diversas atividades do autor incluíram participações em diversas instituições: no El Colégio Nacional, como participante do colóquio “Uma nova geografia do romance”, organizado por Carlos Fuentes; na Universidade de Guadalajara, para uma série de conferências na Cátedra Julio Cortázar; na Facultad de Filosofía y Letras da UNAM, para uma conferência no auditório; na Casa Lamm, para a apresentação do seu romance *Todos os Nomes*. Também foi um convidado especial na festa comemorativa dos 40 anos de publicação do primeiro romance de Carlos Fuentes *La región más transparente*. Embora o jornal tenha acompanhado tais atividades, essas ficaram ultrapassadas pelo interesse na cobertura jornalística das suas declarações relativas a Chiapas, a sua viagem até às comunidades indígenas desse estado, bem como as tensões que essa visita e as palavras do autor provocaram com o governo mexicano. E parecia que a vinda do autor tinha como intuito principal conhecer a realidade dos povos indígenas do estado onde tinha acontecido o massacre. A dúvida que assaltava a imprensa e o público era se o governo mexicano seria capaz de aplicar ao autor português o Art. 33 da Constituição, que diz:

“Son extranjeros los que no posean las calidades determinadas en el artículo 30. Tienen derecho a las garantías que otorga el capítulo I, título primero, de la presente constitución; *pero el Ejecutivo de la Unión tendrá la facultad exclusiva de hacer abandonar el territorio nacional, inmediatamente y sin necesidad de juicio previo, a todo extranjero cuya permanencia juzgue inconveniente. Los extranjeros no podrán de ninguna manera inmiscuirse en los asuntos políticos del país.*” (Grifo nosso).

Aliás, o próprio comissário do Instituto Nacional de Migración declarou que se esperava que Saramago respeitasse as leis do país, isto é, que não falasse nem de política nem dos assuntos relativos à guerra do EZLN contra o Estado, nem do massacre. Antes da vinda do autor, tinham sido expulsas do estado de Chiapas 212 pessoas em nome desse artigo constitucional que tem funcionado como elemento dissuasório da expressão dos estrangeiros (Petrich 1998: 8). Dentre eles, o padre francês Michel Chanteau, que tinha trabalhado 32 anos com os indígenas, e os americanos Tom Hansen e Peter Brown, que faziam parte de projetos de apoio às comunidades indígenas do estado de Chiapas (HRW 1999). A notícia da expulsão dessas pessoas chegou aos jornais, mas nenhum deles tinha sobre si a atenção mundial que atingia o autor português nesse momento por ser um forte candidato ao Nobel.

Naquele dia de domingo 8 de março de 1998, a presença de Saramago no jornal dos intelectuais de esquerda é avassaladora: a fotografia da sua chegada domina a metade da capa; a nota jornalística relacionada com o comissário de Migração ocupa quatro colunas, a metade da página, na secção de notícias de política nacional chamada El País, mas também aparece no suplemento *La Jornada Semanal*, ocupando a capa da publicação e recebendo uma homenagem: trata-se de uma caricatura realizada por Naranjo, provavelmente o maior caricaturista na altura. Dentro das páginas do suplemento, Juan Pablo Villalobos entrevista Saramago, e publica-se um excerto de *Todos os Nomes*. É inegável a coordenação da comunicação social da Alfaguara e do jornal, e os efeitos são imediatos: quanto mais aparece na publicação, mais expectativas causam as suas aparições.

Durante essa viagem-chave de Saramago ao México, que terminou no dia 24 de março, houve diariamente notícias ou alusões ao autor no mesmo jornal. Destaca-se o facto de a maior parte dos textos terem aparecido em diversas secções para além de “Cultura”: “El País”, “Sociedad y Justicia”, e “La Capital”. As manchetes e os textos frisam as opiniões de Saramago relativas à situação dos indígenas de Chiapas, em particular, e aos direitos humanos, em geral. Mas lendo com atenção as notas publicadas na secção de “Cultura”, essas não são muito diferentes das publicadas nas outras secções. De facto, as únicas notas que se desviam dessa linha temática são:

1. “Saramago presentó *Todos los nombres* en Casa Lamm”, nota de apenas um parágrafo, e que não tem um autor específico, porque é da agência de notícias do Estado. (Notimex 1998: 27).

2. “Nuestro único destino es contar nuestras historias: Saramago”, notícia da conferência do autor sobre “Una nueva geografía de la novela” no enquadramento do XIV Festival do Centro Histórico. (Espinosa 1998: 39).

3. “Avasallante presencia del novelista José Saramago en la UNAM: ‘De gurú no tengo nada porque me asaltan todas las dudas del mundo’.”, crónica que abrange uma página inteira e onde se descreve de forma muito emotiva a visita do autor à Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM. (Güemes 1998c: 27) (Imagen 2).

4. “En el salón Los Ángeles, festejo por el 40 aniversario del libro. *La región más transparente*, novela de hoy, afirmó Carlos Fuentes”. Nova crónica de César Güemes da celebração do 40º aniversário do romance de Fuentes, e que inclui uma entrevista com Saramago, bem como três fotografias dele com Fuentes e Garcia Márquez, a cumprimentar os

presentes e durante uma conversa com Silvia Lemus, jornalista e mulher do autor mexicano. (Güemes 1998d: 46-47).

5. Por fim, “Saramago: el jardín de Barragán es como si no hubiera más mundo”, crónica da jornalista cultural Adriana Malvido sobre a visita do português à Casa estúdio do arquiteto mexicano Luis Barragán (1998: 26).



Imagem 2. José Saramago na Faculdade de Filosofia e Letras, UNAM.

Em contraste com o anterior, o espaço concedido à difusão das ideias políticas e sociais do autor é maior do que aquele destinado a difundir as notícias da sua atividade exclusivamente literária, porque há, pelo menos, dezanove referências para além das cinco da lista anterior, entre notícias, artigos, crónicas, fotografias, caricaturas e manchetes relativos ao dito por Saramago sobre o massacre de Acteal, os indígenas de Chiapas, ou outras questões de direitos humanos. Os intelectuais e o público mexicano deixam-se fascinar pela sua atitude francamente desafiante ao governo: “No debo más respeto al gobierno de México que a los indios de Chiapas” é uma declaração que faz logo à chegada e que o jornal reproduz na capa do dia 9 de março. Algo semelhante acontece com “Saramago: la memoria de Acteal no debe desaparecer”, manchete incluída na capa do dia 16; ou “En Chiapas, guerra del desprecio: Saramago”, que se publica na capa do dia 17.

A pesar de tudo, foi impossível calar a indignação do autor português pelas mortes das vítimas e pelas condições de vida desses grupos humanos. O

registo diário no jornal deu ampla visibilidade não ao autor, mas sobretudo ao homem. O público reagiu tanto ao autor quanto à pessoa.

Saramago voltou à capa do jornal no dia 15 de março, com uma nova fotografia onde cumprimenta o bispo de San Cristóbal, Samuel Ruiz, que olha Saramago com um sorriso generoso. A imagem é muito significativa porque a atitude do religioso, a dar as boas-vindas a uma personagem que se tem declarado ateu e comunista, legitima a causa humanística do português e a dimensão ética do seu interesse pelas comunidades mais desfavorecidas da sociedade nacional. No contexto mexicano, a imagem confirma a construção do autor como ser social, cidadão consciente do mundo, além de grande intelectual e artista.

A presença diária causa grande agitação e “organismos de derechos humanos alertaron contra una aplicación ‘legalista’ del artículo 33 constitucional contra Saramago y con ello violentar los ‘derechos del escritor’”, mas intelectuais como Luis Villoro, Sergio Pitol, Carlos Fuentes, Carlos Monsiváis, Paco Ignacio Taibo II, e políticos como Andrés Manuel López Obrador, afirmam que seria um disparate aplicar ao autor o rigor do artigo 33. Os próprios defensores de direitos humanos, como Emilio Krieger, manifestaram o seu apoio ao autor: “Saramago no está participando en política, sino haciendo filosofía social” (Saldierna et al. 1998: 7). Neste sentido, outra circunstância determinante do bom acolhimento do autor no México foi o interesse e a solidariedade que encontrou entre os intelectuais da esquerda mexicana e dos defensores de direitos humanos. Finalmente, nada aconteceu, Saramago foi a Chiapas e voltou à cidade, para a parte final da sua viagem. Chama a atenção que o jornal tenha decidido não incluir na capa nem manchetes e ainda menos uma fotografia da entrevista que o escritor teve finalmente com o próprio responsável pelo Ministério do Interior, de que depende o Instituto Nacional de Migración, o organismo do governo que executa as ordens de expulsão contra os estrangeiros. A explicação disto é que o beneficiado teria sido justamente o político. Portanto, a notícia ficou no interior do número daquele dia (Gil Olmos 1998: 6).

Ao longo dessas semanas, a fotografia do autor, ou as manchetes com as suas declarações, apareceram em oito capas de *La Jornada*, que documentava a maneira como o autor português saltava de um momento apoteótico para outro: dos espaços académicos às reuniões com vítimas, com defensores dos direitos humanos às festas com intelectuais. Eram encontros onde sempre era recebido com fortes e demorados aplausos, e eram antecidos por horas de espera em longas filas.

O papel da Alfaguara México na articulação deste sucesso é fundamental, porque evidentemente houve uma organização pormenorizada da viagem do início ao fim, só assim os jornalistas puderam realizar o acompanhamento com tanta eficácia. A casa editora também organizou a participação de Saramago em programas televisados, um com a famosa jornalista Cristina Pacheco, e uma conversa com Carlos Fuentes (imagens 3 e 4).



Imagem 3 e 4. Publicidade do programa *Conversando con Cristina Pacheco*, no Canal 11, e *Conversación con Carlos Fuentes* no Canal 22.

Na parceria com *La Jornada*, os envolvidos tinham muito a ganhar: o autor confirmaria a sua autoridade; a editora teria a possibilidade de colocar Saramago no centro das atenções; o jornal seria a montra ideológica de um possível Prémio Nobel; e o público com mais afinidade com as lutas sociais encontraria em Saramago a voz que concretizava as suas próprias convicções. *La Jornada* apostou em Saramago, por isso os encontros mais significativos da viagem foram narrados por César Güemes, um jornalista com especial aptidão para a crónica, a quem foi atribuído o Prémio Nacional de Jornalismo Cultural Fernando Benítez no ano 2000 (Santiago 2022). Eu não posso documentar o impacto que essa exposição no jornal teve nas vendas de livros, mas é verdade que Saramago passou a ter não só leitores, mas admiradores, principalmente entre as pessoas que não tinham nada a ver com os intelectuais, e também entre quem nunca tinha lido, ou leu, um livro do autor: Saramago tonou-se fenómeno de massas. Com isto se torna compreensível o júbilo e a importância concedida no jornal à notícia do Nobel (Imagem 5).



Imagem 5. Capa de *La Jornada* do dia 9 de outubro de 1998.¹

Uma outra parte desta pesquisa deverá estabelecer uma comparação com outras publicações mexicanas coevas, e de orientação de direita, ou mais condizentes com as decisões do governo, para complementar uma perspectiva mais abrangente desta viagem, é verdade, mas o impacto dessas publicações era quase insignificante para as pessoas que o português conseguiu congrega. Sem dúvida nenhuma, Saramago estabeleceu uma amizade com *La Jornada*, como se pode provar com a reação da publicação ao Nobel atribuído ao autor, mas essa “amizade” chegou até o público que lia o jornal.

No plano internacional, quando o Nobel lhe foi atribuído, as capas dos jornais portugueses anunciavam com grande orgulho o prémio e o país imprimiu milhares de cartazes comemorativos. O jornal espanhol *El País* também colocou uma fotografia de um Saramago a sorrir. Imagino que publicações da América do Sul, nomeadamente as brasileiras prestaram a

¹ A capa foi tão importante, que faz parte das capas históricas do jornal (1984-2004: 109).

maior importância ao facto, infelizmente não tive acesso a elas. No entanto, como se pode ver, *La Jornada* parecia uma publicação portuguesa, porque a capa toda foi dedicada ao autor laureado. E mais, enquanto os jornais do mundo colocavam fotografias antigas dos arquivos ou imagens tiradas mais recentemente, como foi o caso do jornal espanhol, *La Jornada* publicou, novamente, uma caricatura original, desta vez do conceituado caricaturista Helguera, imagem que poderia levar como título *A Bagagem do Viajante*.

Após a vitória do Nobel, um maior número de publicações mexicanas acompanhou as visitas do autor, mas *La Jornada* ficou sempre como o jornal amigo e foro natural do autor. Pelo que aqui tem sido desenvolvido, quem lê este artigo poderá compreender a importância da capa da notícia da morte, que voltou a ser uma homenagem ao autor, ao Nobel, à personagem e ao amigo. E essa homenagem ficou expressa numa despedida simples, em duas palavras, na língua do autor: “adeus, Saramago!” (Imagem 6).



Imagem 6. Capa do dia 19 de junho de 2010 (originalmente a cor).

Sem dúvida nenhuma, o fenómeno mediático e ético chamado José Saramago emergiu no México, em março de 1998, e fê-lo impulsionado por este jornal, isso é incontestável. Por isso, a escritora Elena Poniatowska publicou um texto que teve por título “El Saramago de *La Jornada*” (2010). Admiração, carinho, respeito e poder foram a colheita do semeado nessa viagem-chave de março de 1998. A figura de Saramago foi respeitada, não só por ser um grande autor e um Prémio Nobel, mas porque o público de esquerda via em Saramago um intelectual congruente, e estabeleceu com ele um vínculo afetivo, que nasceu da identificação com os valores e convicções

éticos e ideológicos do autor, que foram veiculados por *La Jornada*. Saramago exerceu o poder que adquiriu de uma maneira positiva, porque, devido à sua influência, finalmente o estudo da literatura escrita em língua portuguesa atingiu a formalidade que hoje possui e que concede a dignidade merecida a uma literatura e a uma cultura na maior universidade do México: primeiro, mediante a criação da Cátedra Extraordinária José Saramago, em 2004, que foi inaugurada pelo próprio autor perante um público extasiado; depois, por meio da criação da licenciatura de Letras Portuguesas, que teve a sua primeira aula em agosto de 2010, uns meses após a morte da pessoa que reclamou a sua existência. Em resumo, tudo o que aconteceu nessa viagem-chave foi a semente dos frutos posteriores, e esse jornal teve uma participação fundamental.

Referências Bibliográficas

Anônimo. 1997. “A Dario Fo, émulo de los bufones del medioevo, el Nobel de Literatura”. In: *La Jornada*. 10 de octubre. Ciudad de México: 25.

Costa, Horácio. 1986a. “El año de la muerte de Ricardo Reis de José Saramago”. In: *Vuelta*, 115. Ciudad de México: 53-54. Disponível em https://letraslibres.com/wp-content/uploads/2016/05/Vuelta-Vol10_115_09Libr.pdf. (consultado em 20 de fevereiro de 2022).

Costa, Horácio. 1986b. “Memorial del Convento de José Saramago”. In: *Vuelta*, 121: Ciudad de México: 57-59. Disponível em https://letraslibres.com/wp-content/uploads/2016/05/Vuelta-Vol10_121_11Libr.pdf. (consultado em 20 de fevereiro de 2022).

Enciclopedia de la Literatura en México (ELEM). 2018. Fundación para las Letras Mexicanas. Disponível em <http://www.elem.mx/institucion/datos/1860> (consultado em 18 de março de 2022).

Espinosa, Pablo. 1998. “Nuestro único destino es contar nuestras historias: Saramago”. In: *La Jornada*. 19 de marzo. Ciudad de México: 39.

Gil Olmos, Jorge. 1998. “Reiteró Saramago ante Labastida sus opiniones y críticas”. In: *La Jornada*. 25 de marzo. Ciudad de México: 6.

Granados Salinas, Tomás. 1997. “El peligro de leer a Saramago”. In: *La Jornada Semanal*, 30. 2 de febrero. Ciudad de México: 10-11.

Hernández Navarro, Luis. 2012. “Acteal: impunidad y memoria”. In: *El Cotidiano*, 172. Universidad Autónoma Metropolitana Azcapotzalco: 99-115.

Human Rights Watch (HRW). 1999. *Informe anual sobre la situación de los derechos humanos en el mundo 1999*. México. Internet. Disponível em <https://www.hrw.org/legacy/spanish/reports/worldreport99/americas/mexico.html> (consultado em 2 de março de 2022).

Langagne, Eduardo. 2011. “Saramago: las primeras traducciones en México”. Conferência. Homenaje a José Saramago. 19 de mayo. Disponível em <http://ru.ffyl.unam.mx/handle/10391/1344> (consultado em 10 de março de 2022).

México. Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos: promulgada en 1917. Última reforma publicada 20-05-2021. Disponível em <https://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/CPEUM.pdf> (consultado em 10 de março de 2022).

Notimex. 1998. “Saramago presenta *Todos los nombres*”. In: *La Jornada*. 18 de março. Ciudad de México: 27.

Petrich, Blanche. 1998. “Saramago debe respetar las leyes del país: Carrillo Castro”. In: *La Jornada*. 8 de marzo. Ciudad de México: 8.

Poniatowska, Elena. 2010. “El Saramago de *La Jornada*”. In: *La Jornada*. 19 jun.2010. Disponible en: <https://www.jornada.com.mx/2010/06/19/opinion/a04a1cul> (consultado em 17 de fevereiro de 2022).

Saldierna, Georgina; Mateos, Mónica; Elizalde, Triunfo. 1998. “Villoro, Pitol y Taibo II opinan del viaje a México. Sería una locura que aplicaran el artículo 33 a José Saramago. Rechaza López Obrador que sus declaraciones sean injerencistas”. In: *La Jornada*. 18 de marzo. Ciudad de México: 7.

Samperio, Guillermo. 2010. “José Saramago, un lusitano indomable”. In: *La Jornada Semanal*. 799. Ciudad de México, n.799, 27 jun. 2010. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/2010/06/27/sem-guillermo.html>. Acesso em: 13 maio 2022.

Santiago, Jesús Alejo. 2022. “Murió César ‘El Batman’ Güemes a los 58 años”. In: *Milenio*, 10 de abril. Ciudad de México. Disponível em: <https://www.milenio.com/cultura/murio-cesar-batman-guemes-58-anos-edad> (consultado em 11 de abril de 2022).

Saramago, José. 1995. “Poema para Luis de Camões”. Trad. Francisco Cervantes. In: *La Jornada Semanal*, Ciudad de México, p. 11, n. 27, 10 sep. 1995.

Saramago, José. 1997. “Brasil: un derecho que respete y una justicia que cumpla”. In: *La Jornada*. Cultura. Ciudad de México, p. 22-23, 21 may.

Villalobos, Juan Manuel. 1998. “El mundo tal y como es resulta inaceptable: José Sarama-go”. In: *La Jornada*. Cultura. Ciudad de México, p. 28, 4 feb.

Zapata, Juan Manuel. 2011. “Muerte y resurrección del autor. Nuevas aproximaciones al estudio sociológico del autor”. In: *Lingüística y Literatura*, 60. Universidad de Antioquia: 35-58.